

Ana Cristina Cesar
Correspondência Incompleta

organização

Armando Freitas Filho e
Heloisa Buarque de Hollanda



INSTITUTO MOREIRA SALLES

AEROPLANO EDITORA

1999

5 de Abril de 76

Coração,

Já tentei começar carta pra você algumas vezes — no imaginário, na máquina e na presença iluminada da Helô. Fico vacilante e boba todas as vezes: ora muda, ora prolixa. Acho sempre que tenho que produzir *something witty and brilliant*, no teu tom “certo”—mas pra escrever carta preciso renunciar pelo menos pela metade à literatura [ou à pose ou ao fetiche — sem querer ainda identifico os três e, é claro, não consigo mais “fazer literatura”], o que é particularmente difícil na tua frente. E além do mais reluto em abrir mais uma frente de correspondência, em assumir que saudades vão também pro Planalto Central. Sei de ti por Helô, que conta coisas ótimas. [...]

Notícias daqui: depois de umas férias péssimas, cheias de doenças e depressões, me descubro de repente numa estabilidade há muito tempo desconhecida. Estranho, desconfio, acho vagamente que não sou bem eu. Consegui meu primeiro emprego como professora de português no Souza Leão — estou dividindo com a Patrícia (Birman) e perco o sono imaginando aulas mirabolantes (é para 2º grau, turmas irrequietas, loucas); saí de quatro depois da primeira manhã. É só uma vez por semana mas me animou muito, e está sendo ótimo trabalhar com a Patrícia, que estou curtindo depois de vários grilos. Agora falta pintar outra coisa, quem sabe uma faculdade no fim do mundo pra eu bater com a cabeça logo. Enquanto isso biscoiteio doidamente: resenhas pro *Opinião*, traduções, enciclopédias, datilografias. Estou iniciando no inglês Marilda & Bráulio Pedroso, que parecem ótimos e pagam bem, e querendo sair da Cultura. Brocharam *for the time being* meus intrincados planos de pós-graduação. De repente meti Campinas na cabeça, onde ainda não existe curso de literatura realmente. Adrian, o inglês que você não conheceu, sumiu

também de repente, depois da minha reação sufocada quando ele disse “I like you but I’m not in love with you” simplesmente. E nunca mais nada aconteceu, para nosso pasmo & pasmeira. Mas isso foi antes do carnaval. Enquanto tudo acontecia chegavam cartas incríveis de Candide e de Cecil (já ouviste dela? Está ÓTIMA!), vão chegando, planejo um baú (ou um arquivo, pra ser moderna) com bolinhos de envelopes amarrados com fitas azuis e vermelhas. Já debes saber (ou não?) que estamos estudando Antonio Candido – eu, Sônia (acho que você viu uma vez no Casa Grande, naquele debate dos neo-realistas russos), Cacaso e Helô [...]. Fechando os parênteses — o estudo começa a funcionar; suspendemos os excessos de barato.

Acabei de fazer um resumo da minha (atual) vida??!

Saudades.

Beijos (e mande notícias & retrato & outras figuras e palavras) em ti. E no Chico, no Pedro, na Joana (notícias, retratos...),



5 de maio de 76

Clara, minha querida,

Acabo de falar contigo e estou muito emocionada. Vou até a cozinha, tomo um antidistônico, ouço a empregada narrar o último capítulo de *Anjo mau* com brilhante expressão (adoro esses fuxicos de cozinha, papos de empregada, bastidores da TV Globo – mas só de vez em quando) e pego tua carta pra reler. Tenho ímpetos de começar a ladainha interpretativa, mas imagino que as alusões são mais elegantes. Acabo de ler o capítulo CXVIII de *Quincas Borba*, que devoro, e me sinto posta nos joelhos de d. Fernanda, que me devora. Mas tenho enjôo das minhas tortuosidades *blasés*, e não quero repetir uma fase de correspondência com meninas na América do Norte (interpretações mútuas, análises debruadas – aliás minto, de Washington não vem nunca esse tipo de consumação, ou dissipação). Lembro frase de Helô hoje. Tua carta me despertou por via indireta carinho por Helô, que eu agredi comicamente (?) na última sessão do grupo de estudo, insensível à baratinação em que ela se encontrava semana passada. Telefonei pra dizer isso, *she dismissed me lovingly*, “você é louca mesmo”, riu, passou, falamos de você. Sem querer desfiar o rosário interpretativo, realmente mamãe Clara e filhinha Ana Cristina... Ainda mais se você me pega pelo pé do meu “brilhantismo”, que foi o primeiro e mais grave caminho que a minha sedução tomou. Me lembro agora de coisa fundamental que você me disse, naquela sexta-feira entre paredes & serragem & carregadores de piano (Gávea): não importa o que esteja na cabeça dos outros, é preciso circunscrever a neurose, deixar de reparti-la. Eu sei agora que desfiar interpretações, insistir sempre na mutualidade das obscuras transas, é querer repartir as boladas. O que importa é que eu me sinto posta nos joelhos. Estou percebendo que sou briguenta, faço birras, apostas, leilões... Percebo

e continuo a querer brigar: minha mãe (e meu pai também) foram crianças/jovens extremamente brilhantes (minha mãe foi 1ª aluna de neolatinas, ganhou bolsa pra França; meu pai era fodidíssimo, passava fome, mas já aos 6 anos ganhava bolsa no primário, tendo aprendido a ler sozinho, na Bíblia, acompanhando as leituras diárias dos cultos da família protestante, pai pastor, do Gênesis ao Apocalipse e de volta). Foram, mas hoje são classe média arrojada, trabalhando demais. Criaram pelo menos dois em três filhos para gênio, pensaram (pensam?): “você vai continuar e conseguir o que eu tive vontade, mas não capacidade...” Os três filhos precisam de muita análise, só dois estão fazendo (não exatamente os dois de cima).

Então vou te contar uma notícia de primeira mão, que não quero nem pensar direito nela: meu pai há uma semana recebeu telefonema de Genebra convidando ele para um cargo lá no World Council of Churches por seis meses. Não diga nada! Ainda não se sabe qual o \$\$ e eu tenho medo de imaginar, me vejo com seis meses, imagino poemas à beira do cais... sempre o cais, não há despedidas no aeroporto.

Você continua extremamente engraçada! (& carinhosa!!)
(Querida!)

Quando li dos teus medos de receber telefonema contando notícia pavorosa, me identifiquei e mais uma vez me perdi em considerações de que isso se cura, não é verdade? Li uma conferência do Freud, “L’angoisse et la vie instinctuelle”, e coleciono citações. “*On peut échapper par la fuite au péril extérieur, mais c’est une entreprise malaisée que de chercher à fuir un danger intérieur*”, e ainda “*L’angoisse est, en tant qu’état affectif, la reproduction d’un événement passé et périlleux*”, e ainda “a aventura começa / no coração dos navios” (lembra?), porque o Milton cantou nessa hora. Mas não consegui terminar a conferência, comecei a não entender direito.

Minha mãe me mostrou uma revistinha que você ia gostar de ver: chama *Bel’Contos*, era (é?) publicada em Itaúna com direção de

Jeferson Ribeiro de *Andrade* e Jurema Dias de *Andrade*. Capa: Guimarães montado num cavalo no meio dos sertões, de chapéu de safari e gordurinhas e ar bonachão. Conteúdo: "Investigação sobre a presença de Itaúna na obra de J.G.R.", de David de Carvalho, que pretende "identificar pessoas que conviveram com o autor, e que, no *Sagarana* (sic), passaram ao desempenho de personagens, ainda que elas se encontrem disfarçadas, desbocadas ... e finalmente concluir que no *Sagarana* não há o inverossímil". Não é fantástico? Seguem-se 25 páginas de nomes, mapas, cartas do Rosa, fotos, fac-símiles, relatos de crimes...

Essa preciosidade foi uma aluna da minha mãe que emprestou, neta que é do dr. Lima Coutinho, correspondente de Rosa.

Fofocas de cozinha?

Já que você falou em caixão, quer fazer o favor de abrir a pág. 118 da *Estrela da vida inteira* e reler "A virgem Maria"? Sabe que eu não sabia naquela época, mas não há mesmo como o Bandeira? (Eu só sabia na infância, depois perdi pro chato do Carlos, que me cravou unhas, não dentes.) Mas vai lá, lê lá o poema que é pra ti, com minhas dedicatórias, que eu espero até amanhã.

Vilma está bem, Fausto indo sem grandes gravidades. Nossos encontros, raros, difíceis.

A barriga, bela.

Na Semana Santa fui só com os dois irmãos para nosso sítio em Pedra Sonora. Fui só e ressentida de ir só. Culpa minha, que ando reclusa, fugida, trancada. Lembra da Sônia, que você viu uma vez saindo do Casa Grande, aluna da Helô? Ela e Patrícia, boas amigas.

As outras, longe.

Passei fevereiro de 74 em Brasília, traduzindo Greimas & passeando pelos céus. Se um dia você encontrar os seguintes casais: Miriam & Adalberto Telles e Mara & César Teixeira me avisa que eu tenho histórias pra contar.

Estou transando uma ótima com as filhinhas da Patrícia. Gosto muito de crianças. Saudades da Joana. Como vai ela com análise? Olha que a homeopatia é jóia. Hoje eu estava fazendo xixi de cinco em cinco minutos e soube que meu bom médico homeopata (disse isso como se diz: o bom Deus) um dia me disse que quando o cérebro dispara a bexiga acompanha. Ou compensa, sei lá.

De resto: aulas no Souza Leão (hoje quase arranquei os cabelos porque os alunos ficaram *histéricos* com as notas), outras aulas, a máquina de escrever. Dispersa, dispersada. Queria "ser" uma coisa (o que é que você vai SER quando crescer?).

As rasuras no papel correspondem a atos falhos?

Vê então se me escreve, gostei tanto de te ler e te ouvir.

Beijos muitos,

e saudades,

e venha cá,

e até

Ana

Estou fazendo yoga. Na minha turma tem a maioria de velhas de mais de 60 anos, e a Maria Frias, pondo-se de cabeça pra baixo.

Mando um poema que queria dar para os alunos, mas ainda não tive coragem.

Agora vire a xxx

página e Beijos,

querida.

O avô tinha sido um ancião convencional,
 que se enterrou de sobrecasaca e polainas;
 e a avó – uma menina pálida que morreu ao pari-la;
 o pai faz algumas baladas;
 contam que tinha uma luneta para olhar ao longe.
 Daí – a mão dobra a página do livro,
 e a história da tetraneta finda com uma estocada no ventre:
 há destinos travados, lenços quentes de lágrimas,
 algum incesto, uma violação sobre um sofá antigo.
 Quando a mão dobra a página, há rastros de sangue no soalho.
 Esta é a mais nova das cinco.

Vejo que os seios são como neve que nós nunca vimos
 e ninguém nunca viu o pai que lhe fez um filho;
 Agora vire a página e olhe o anjo que ele possuiu,
 veja esta mantilha sobre este ombro puro,
 e estes olhos que parecem contemplar as nuvens
 através da luneta avoenga. Veja que sem o fotógrafo querer
 as cortinas dão a impressão de caras impressionantes
 por detrás da gravura: um estudante de cavanhaque e outro de
 capa.

Repare bem o braço que ninguém sabe de onde
 circunda o busto da moça e a quer levar para um lugar esconso.
 Fixe bem o olhar com o ouvido à escuta para perceber a respiração
 grossa,
 os gritos, os juramentos... A saia negra parece um sino de luto,
 e o decote é a nau que a levou para sempre. E este fundo de
 água
 pode ser o mar muito bem; mas pode ser as lágrimas do fotógrafo.

Jorge de Lima

“Anúnciação e encontro de Mira-Celi”, poema 25.

22.3.77, R.J.

Clara, minha muito querida,

Estou de volta, baixei, pisei, parei. Aulas dadas e ouvidas,
 análise, corridas, trânsito. Tive uns dias meio em choque, enxaqueca
 e susto. Agora sossego. Chegam as fotos da viagem, de Brasília a
 Bariloche, que meu irmão ampliou. Fiz um quadrinho da minha
 cara vista por ti da Brasília de Cecília. Todo dia me olho entre
 livros. Guardo a viagem com carinho. Foi a primeira boa viagem
 em tanto tempo! Argentina é um baratão. Saudades. Saudades suas.
 Quer fazer o favor de pintar?

Virei estudante de novo, arreganhando dentes [...]. O melhor
 curso é de d. Cleonice. Afinal, lê-se Eça e ela conta casos e fofocas
 lusas. [...] General dá problemas brasileiros. A grande questão agora
 é a bolsa que não sai: A CAPES suspendeu quase 2/3 das bolsas e
 quem estava garantido se viu com o pé no ar. A PUC é que tem
 que selecionar quem vai e quem fica. Todos se ouriçam querendo
 defender seus polpudos 4.200. Mais dinheiro pra menos gente.
 Reuniões pra dissolver o individualismo. Outros cortes em outros
 cursos, ciências humanas, todos quicam. E eu que já ia largando o
 estado voltei correndo às difíceis três noites por semana (são 14
 aulas) (por 2.500,00). Me consolo no Souza Leão, onde gente e
 salário são melhores. Me canso muito facilmente, indócil às agruras
 do trabalho. É sempre assim? As praias continuam congestionando.
 Desisti de gostar de homens bonitinhos. Ai, que impaciência!

Eu, da minha parte, adorei Brasília. Como está a Joana com
 a Mara Teixeira (tenho curiosidade, conheci há muitos anos)? A
 poesia não sei onde meti, embora pululem as antologias. Me parece
 longe de interessantes viagens e árduos labores de fazer dinheiro
 e conseguir diplomas.

Gosto muito de estudar “ponto de vista”. Mandeí cartões



Foto Cecilia Leal

pra Bariloche, Buenos Aires, Montevideo e Londres, mas não recebi quase resposta. Queria estudar *escuela* de Frankfurt. Ontem vi *La nuit se lève*, do Marcel Carné, na Aliança Francesa, com Ana Candida, bronzeada, de volta em abril, vai pra Europa depois. Estou achando Eça muito interessante. Faço belos esquemas sobre o “narrador”. Vejo *Duas vidas* da Janete Clair, que começa a decair.

Também gostei muito da foto que eu tirei olhando pra você do banco da frente onde minutos antes posei. Há outras incríveis, no alto de montanhas de Bariloche, no meio da maravilhosa Buenos Aires, no lago Nahuel Huapi (?). Neves, teleféricos, postais. Floridas.

Quando daremos a próxima festa? O Centro como vai? (Não pergunto pelo Fausto Alvim nem me pergunte pelo calendário dele que derreteu.) Atenção! Pergunte pra Cecil se recebeu as fotos que mandei por uma colega portadora. E cartas.

Na aula do insuportável LCL tem a Marie Louise, lembra? Uma ex-professora que amei e que agora foge-se dela. Ai, como se amam as professoras! Finjo entrar no amado posto com irreverência. Estou delirando. Beijocas no querido Chico, que escreva. Desculpa o estilo — morro pela boca, por essa boca. Me sinto triste e a palavra vilipendia minha tristeza.

Me escreve?

Beijos,

Ana Cristina

15 de abril de 77

Clara, querida,

Te escrevo ouvindo Thelonious Monk, que eu comprei em dia de grandes emoções, quando pintou um dinheiro de um artigo que publiquei na *Colóquio*, fui vender os dólares no câmbio negro confortável, e voltei tentando me desvencilhar de um namorado belo mas enrolado — daqueles que falam aos olhos mas não ao bom senso. Foi ele que me indicou o disco do Thelonious, *The man I love*. Compre. Ouça com bons sentidos, ah insensatez. Ai boto esse piano pra ouvir e rumino uma ira embaladora contra a vida. Por que são certas iras tão embaladoras? Caminhas de araruta. Vê se me escreve uma linha, que muito apreciarei. Explico minha ira: a bolsa da CAPES que eu tinha ganho foi subitamente cortada; a minha e a de outros menos votados. Ninguém que entrou este ano ganhou. Ou seja, sumariamente desmentiu-se tudo. Letras precipitou-se e irresponsável soltou lista oficial ainda na incerteza. Nós é claro lemos e entendemos a lista. Agora o nó se fez. Hoje houve infelizes reuniões [...]; troca sibilante de argumentos liberais; meus peitos batiam enquanto me exercitavam na arte do controle, nas impossíveis diplomacias. Seguiu-se então para o vice-reitor, padre este que nos obsequiou com soluções, empréstimos que pobre PUC nos fará e que pagaremos no fim da tese com correções monetárias; tentamos forçar a barra — queremos isenção total, nos sentimos prejudicados —, mas colegas amorteciam inabilmente. Eu poderia apelar para a colocação e implorar favores sozinha. Estou conflituada e de humor mau. De mais a mais não tenho a menor vontade de fazer este mestrado. Com bolsa ainda ia, passava por emprego chato, ponto. Mas sem! Tendo que passar por trâmites duvidosos! Ou então pelo duvidoso movimento estudantil, cuja retórica (“as classes oprimidas”) ainda me dão “vagos arrepios”: eu jamais poderia ter papel ativo nisso; só solidariedade sem mais questões.

Na verdade eu não gosto desse mestrado, das pessoas, do clima dos colegas. Não tenho mais o que aprender. Não me entenda mal. Não é que eu “já saiba”, é que não ando motivada a exercícios dirigidos, salas de aula, estudos por direções demarcadas, não me sinto feliz lá (???), entende, nem de passear ao sol vespertino nos pilotis! Pra quê? Talvez por nostalgia dos “nossos tempos”. Ai, que chatíssimo. E se fosse um passo necessário! Mas nada. O trabalho tá bom, me conformei bem ao Estado, faço tradução do Hite Report sobre sexualidade feminina, respostas ao vivo de americanas variadas, *thrilling! exciting!* Sabe alguém (mulher) que queira traduzir comigo?

P.S. Que país é este?!!

Há também reuniões e planos para uma revista com o pessoal que saiu do triste *Opinião* — uma espécie de Versus anti-Versus. Tenho ido aos encontros onde me sinto presente e aprendendo coisas que minha curiosidade mais aumenta. Já tenho idéia de escrever sobre os *Malditos escritores!* e sua relação com a ideologia romântica- nacionalista-localista, sobre a qual fiz um trabalho legal para o nivelamento. É isso, Clara: não tenho ainda forças pra me dedicar aos escritos, que eu gosto e me animo, e deixar a universidade onde só perco tempo. Nesse meio encontrei o Paulo Venâncio que especialmente meus olhinhos curtem; mal percebo que talvez seja só isso. Vi Cecil e Gelson pouco demais, e soube que vocês me procuraram na Semana Santa. Saudades muitas. Por favor *write me*. Adorei (tremi com) *Luciôla*. Diz pra Cecil essas coisas, que as fotos vão seguir, já na minha mão, que Candide partiu sem mais, que me escreva.

Já sei que Joana e Mara se dão bem, verdade? Chico, achaste o que da entrevista?

Beijos da amiga

Ana C.

P.S. Aceito conselhos!

P.P.S.S. Me manda textos teus sobre memorialismo — é assunto do curso do Silvano (*Menino antigo*).